



Boletim de Conjuntura Econômica

Boletim n.68, Dezembro, 2016

Hugo Agudelo Murillo

Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e coordenador da equipe do Setor Externo e Comércio Exterior do projeto de extensão “Conjuntura econômica brasileira – divulgação de análises”.

hamurillo@uem.br

André de Souza do Nascimento *

andresounas@gmail.com

Danilo Passos*

daniopassos20@gmail.com

Guilherme M. Caixeta *

gmcaixeta@gmail.com

Leticia C. Franzon*

lee_franzoni@hotmail.com

*Acadêmicos do curso de ciências econômicas da Universidade Estadual de Maringá – UEM e participantes da equipe de Setor Externo e Comércio Exterior do projeto Conjuntura Econômica Brasileira: Divulgação de Análises.

Universidade Estadual de Maringá -
UEM
Correspondência/Contato

Av. Colombo, 5.790 – Bloco: C-34 – Sala 11
Jd. Universitário - Maringá - Paraná - Brasil
CEP 87020-900

Análise Anual 2016

RESUMO

Avaliar o comportamento do setor externo é fundamental para entender a dinâmica do crescimento de economias em desenvolvimento, ancoradas basicamente no desempenho do seu setor exportador e na captação de poupança externa. A maior inserção externa da economia brasileira decorrente do processo de globalização e dos programas de ajuste estrutural iniciados na década de noventa, permitiram reduzir a restrição ao crescimento determinados pela vulnerabilidade externa, ao mesmo tempo em que aumentava o grau de exposição ao contágio externo.

Palavras-chave: Balanço de pagamentos; taxa de câmbio; Mercosul; reservas, parceiros comerciais.

ABSTRACT

To evaluate the behavior of the external sector is fundamental to understanding the dynamics of the growth of developing economies, anchored essentially on the performance of its export sector and attracting foreign savings. Most external insertion of the Brazilian economy due to the process of globalization and structural adjustment programs started in the nineties, have reduced growth restriction determined by external vulnerability, while it increased the degree of exposure to external contagion.

Keywords: Balance of payments; exchange rate; Mercosul; official reserves Brazil's commercial partners.

3.1 BALANÇO DE PAGAMENTOS

3.1.1 Transações Correntes

O saldo das transações correntes do Brasil fechou o ano de 2016 com déficit de US\$ 23,5 bilhões (1,3% do PIB). Apesar do resultado, o déficit foi bastante inferior (60%) ao apresentado em 2015, quando atingiu 3,3% do PIB (US\$ 59,43 bilhões) e menor aos 4,3% apresentado em 2014.

A melhora nos resultados das transações correntes foi possível principalmente devido ao forte crescimento da balança comercial (154,8%), que passou de US\$ 17,7 bilhões em 2015 para US\$ 45 bilhões. À redução no déficit da conta de serviços.

Com relação ao desempenho das exportações, seus preços, em média, caíram 4,24% entre 2015 e 2016. A maior variação negativa de preços foi observada entre os produtos básicos, que tiveram redução de 9,32%.

Assim como em 2015, a melhora no resultado comercial foi reflexo da maior queda das importações (-19,1%) relativamente às exportações (-3%). Todavia, em 2015, esses percentuais foram bem maiores (25,3% e 15,4%, respectivamente).

No caso das importações, houve importante variação de preços médios entre 2015 e 2016 (-15,10%). O Destaque foi para o preço dos produtos semimanufaturados importados, que apresentaram redução média de preços de 25,21%.

Tabela 3.1 - Desempenho das exportações por fator agregado

	2015 %	2016 %	Taxa de variação
Básico	45,62	42,73	-9,21
Industrializado	51,49	55,01	2,65
Semimanufaturado	13,85	15,10	5,67
Manufaturado	38,08	39,91	1,55

Fonte: MDIC/SECEX, elaboração própria.

Os termos de troca foram, portanto, bastante favoráveis ao Brasil.

Entre 2015 e 2016, tanto produtos manufaturados quanto semimanufaturados aumentaram sua participação relativa na pauta de exportações. Apenas os produtos básicos tiveram variação negativa na participação total.

Mantendo a tendência de anos anteriores, insumos e matérias-primas representaram a maior parcela das importações brasileiras em 2016, com participação de 61,8% do total e variação de 6,53% em relação a 2015. Em seguida, destacam-se os bens de consumo (15,8%), bens de capital (13,3%) e combustíveis e lubrificantes (9%).

Quanto aos parceiros comerciais, houve pouca variação no quesito exportações. Os maiores destaques foram para Alemanha e Japão, que

reduziram suas compras em 6,1% e 5,0%, respectivamente e Argentina e México, que aumentaram suas importações em 4,8% e 6,3%, respectivamente. Os dois principais compradores de produtos brasileiros, China e Estados Unidos, apresentaram variações negativas, mas menos expressivas.

Tabela 3.2 - Fluxo de comércio brasileiro por lugar de origem e destino, 2015 / 2016

Parceiros Comerciais	Exportação Participação (%)		Var. Rel. das Export.	Importação Participação (%)		Var. Rel. das Import.
	2016	2015		2016 / 2015	2016	
MERCOSUL	9,92	9,42	2,12	8,64	7,62	-8,97
Argentina	7,24	6,70	4,8	6,60	6,00	-11,7
ÁSIA	33,55	33,19	-2,05	31,44	32,62	-22,68
China	20,19	19,73	-0,8	17,33	18,26	-23,9
Japão	2,49	2,53	-5,0	2,59	2,84	-26,9
UNIÃO EUROPEIA	18,01	17,76	-1,74	22,58	21,37	-15,24
Holanda	5,57	5,26	2,8	1,30	1,44	-27,6
NAFTA	15,84	15,72	-2,31	21,23	19,40	-12,24
EUA	12,50	12,60	-3,84	17,30	15,44	-10,1
TOTAL	77,31	76,08	-3,09	83,90	81,02	-19,77

Fonte: MDIC/ Secex – elaboração própria.

No caso das importações, houve significativas variações negativas entre todos os dez principais parceiros comerciais. O Brasil reduziu em quase 24% suas compras de produtos chineses, 10% as de produtos estadunidenses e 12% de produtos alemães.

Tabela 3.3 - Desempenho das importações por categorias de uso

	2015	2016	Varição
Bens de capital	13,58%	13,3%	-2,06%
Insumos e mat. prima	58,01%	61,8%	6,53%
Bens de consumo	15,6%	15,8%	1,28%
Duráveis	4,21%	3,2%	-23,9%
Não-duráveis	11,43%	12,6%	10,24%
Combustíveis e lubrificantes	12,67%	9%	-28,9%

Fonte: MDIC/SECEX, elaboração própria.

No grupo dos produtos industrializados, o desempenho favorável foi possível, principalmente, devido ao desempenho dos seguintes produtos:

Tabela 3.4: Produtos industrializados - principais variações positivas (2016)

Plataformas de petróleo	86,9%
Açúcar em bruto	39,8%
Automóveis de passageiros	38,2%
Ouro em forma semimanufaturada	31,1%
Veículos de carga	27,1%
Açúcar refinado	23,2%

Madeira serrada	17,4%
Suco de laranja não congelado	9,5%
Aviões	6,0%

Fonte: MDIC/Secex.

O açúcar ganhou destaque na balança comercial do agronegócio no acumulado de 2016. O produto foi responsável por quase todo o montante do complexo sucroalcooleiro, com 92% do valor em vendas do setor (US\$ 10,44 bilhões). Em comparação com 2015, houve crescimento de 36,6% em valor. Entre o final de outubro e início de novembro, o Indicador CEPEA/ESALQ (estado de São Paulo) superou os 100 reais por saca de 50 kg, nível nominal nunca observado em toda a série histórica deste produto. De acordo com pesquisadores do Cepea, o impulso veio do mercado internacional, que subiu em grande parte do ano, influenciado por expectativas que indicavam déficit global de açúcar.

Por outro lado, os produtos básicos que impossibilitaram um desempenho ainda melhor da balança comercial foram:

Tabela 3.5: Produtos básicos (principais variações negativas)

Milho em grão	-26.30%
Petróleo bruto	-14.80%
Café em grão	-13.20%
Farelo de soja	-11.10%
Soja em grão	-8.20%
Carne bovina	-7.20%
Algodão em bruto	-6.20%

Fonte: MDIC/Secex.

As exportações brasileiras de milho em 2016 foram negativamente afetadas devido à concorrência com o milho norte-americano, em função dos preços internos elevados e questões cambiais, além da baixa disponibilidade interna, em função da quebra de produção na temporada 2015/2016. O preço médio do produto exportado ficou em US\$ 172,31 por tonelada. Nos Estados Unidos o milho esteve cotado entre US\$ 145,00 e US\$ 150,00 por tonelada.

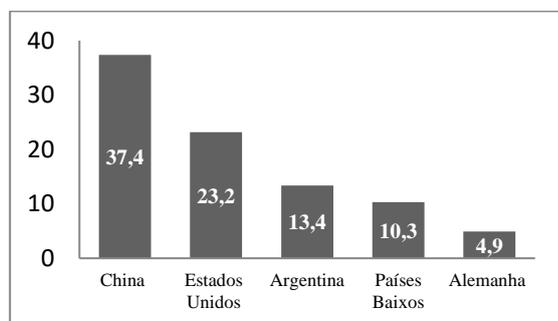


Gráfico 3.1: Principais Países Compradores: Participação (%) e Variação no período.

Fonte: MDIC/SECEX, elaboração própria.

A redução do déficit na conta de serviços que ficou 17,5% menos deficitária do que no ano de 2015 também contribuiu com a melhoria da conta corrente. O setor de transportes foi o principal segmento a contribuir para esse resultado, já que teve um déficit 34% menor (com destaque para o

transporte terrestre, que teve redução de 10,4%). Os serviços prestados às famílias também contribuíram para o resultado ruim, com desempenho negativo em 4,4% em 2016.

A conta serviços e rendas manteve a tradição histórica e fechou o ano de 2016 com déficit de US\$ 71,5 bilhões representando uma redução no déficit de 9,8% na comparação anual.

Na conta de serviços, o déficit recuou 17,5%, percentual inferior ao registrado em 2015, os principais responsáveis por essa trajetória foram viagens internacionais e aluguel de equipamentos (em função, sobretudo, dos aluguéis da Petrobras), que responderam, respectivamente, por 28% e 64% dessa conta em 2016

Todavia, o item que registrou o maior recuo em termos percentuais (-34%) foram os gastos líquidos com transportes, que somaram US\$ 3,7 bilhões em 2016 contra US\$ 5,6 bilhões observados no ano anterior, basicamente por conta da menor corrente de comércio

O déficit na conta viagens internacionais foi de US\$ 41,1 bilhões, uma redução de 25,4% na comparação anual.

As despesas de turismo com cartão de crédito no exterior registraram um decréscimo de 15% relação a 2015.

Tabela 3.6 – Transações correntes 2015/ 2016 (US\$ milhões)

Discriminação	2015	2016	Variação (%)
Balança Comercial (FOB)	17669,86	45037	154,88
Exportações	190092,05	184453	-2,97
Importações	172422,19	139416	-19,14
Serviços e Rendas	-79275,82	-71504	-9,80
Serviços	-36918,61	-30449	-17,52
Aluguel de Equipamentos	-21531,90	-19506	-9,41
Transporte	-5664,21	-8473	49,59
Serviços de propr. intelectual	-4669,38	-4490	-3,84
Viagens Internacionais	-11512,87	-8473	-26,40
Renda Primária	-42357,21	-41055	-3,07
Juros	-21913,39	-21937	0,11
Lucros e Dividendos	-20793,05	-19408	-6,66
Renda secundária	2723,76	2960	8,69
Transações Correntes	-58882,21	-23507	-60,08

Fonte: Banco Central do Brasil – elaboração própria.

Na conta de renda primária, ocorreu redução de 3,01% do déficit no comparativo anual, sendo registrado em 2015 um saldo negativo de US\$ 42,35 bilhões contra US\$ 41,1 bilhões em 2016 de. A conta juros aumentou seu déficit em 0,11%, enquanto que a conta lucros e dividendos, diminuiu o déficit em 6,54% de US\$ 20,8 bilhões em 2016 para US\$ 19,4 bilhões em 2015.

O saldo da renda secundária foi de US\$ 2,9 bilhões, aumentando 8,9% em relação ao ano

anterior.

3.1.2 Conta Capital e Financeira

A conta capital que contabiliza as transferências de patrimônio ou cessão de patentes ou marcas fechou o ano de 2016 em US\$ 248,3 milhões que entrou no país uma queda de 41% comparado ao ano de 2015 devido ter se gastado menos com ativos não financeiros não produzidos como por exemplo passe de atletas que caiu cerca de 20% durante o ano.

Já a conta financeira que registra os investimentos diretos (no setor produtivo), investimento em carteira (aplicações em ações e títulos de renda fixa), empréstimos Inter companhias e outros investimentos tanto dos brasileiros no exterior como dos estrangeiros no Brasil, essa fechou o ano de 2016 em US\$ - 16,41 bilhões lembrando que o sinal negativo apenas define que as captações líquidas foram maiores que as concessões líquidas, comparado ao ano anterior houve uma queda de 70,2% em sua maior parte devido a diminuição dos ingressos de capital em carteira no Brasil, ou seja uma redução das aplicações de investidores externos em títulos de dívida do país que registrou uma queda de 460%.

Houve redução do ingresso líquido de capitais no país, de US\$ 114,1 bilhões em 2015 para US\$ 68,2 bilhões (-40,2%). O principal determinante do resultado negativo dos fluxos financeiros foi, a saída líquida de US\$ 30,401 bilhões do mercado de renda fixa (predominantemente, títulos públicos). em função da perda do grau de investimento do Brasil apesar das elevadas taxas de juros oferecidas.

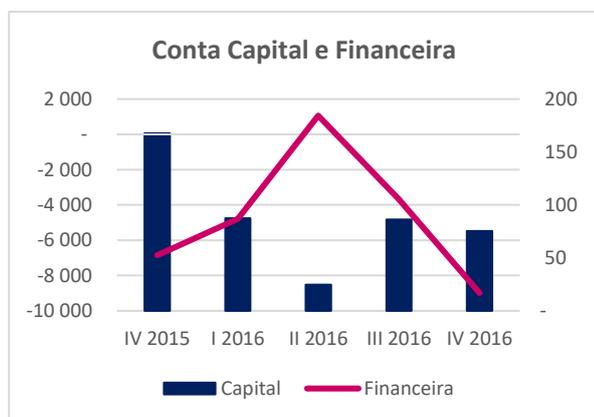


Gráfico 3.2: Conta Capital e Financeira.

Fonte: Bacen

Pode-se observar que o comportamento de queda dos juros brasileiros, a taxa Selic influenciou

negativamente essa conta, uma vez que juros mais altos atraem mais capital.

No gráfico 3.1 observa-se o comportamento da conta capital e financeira a partir do último trimestre de 2015 e sua evolução ao longo do ano de 2016, evidenciando que em nenhum semestre a conta capital atingiu metade do que ela chegou no fim do ano anterior, e a conta financeira a trajetória brusca de queda desde do segundo trimestre de 2016 devido a regressão de entrada de capitais estrangeiros.

O investimento direto encerrou o ano em US\$ -65,4 bilhões um aumento de 6,9% a mais do que 2015 devido a uma queda de saída de investimentos brasileiros para o exterior em 42%, ou seja, os investidores brasileiros preferiram manter seu capital aqui, por outro lado o investimento direto no Brasil fechou em US\$ 78,2 bilhões um aumento de 4,72% o que significa que a confiança dos investidores estrangeiros se mantiveram nos negócios do Brasil e as operações Inter companhias aumentaram em 34% o ingresso de capital no país, apesar do cenário econômico de crise no país. Contribuiu para esse resultado o financiamento da Petrobras com o China Development Bank (CDB), no valor de US\$ 5 bilhões em dezembro, que ocorreu via subsidiária da estatal no exterior.

A tabela 3.5 mostra os saldos das contas da balança de pagamentos bem como os principais participantes da conta financeira e seu saldo final, o déficit em transações correntes foi menor que em 2015 dando margem para o amortecimento da queda da conta financeira que supriu esse déficit.

Tabela 3.7 – Conta capital e financeira 2015/2016

Discriminação	(US\$ milhões)		
	2015	2016	Variação (%)
Conta Capital e Financeira	-54294	-15948	-70,63
Capital	440	248	-43,58
Financeira	-54734	-16196	-70,41
Investimento Direto Líquido	-60976	-71180	16,74
Investimento brasileiro direto	13498	7 748	-42,60
Participação no capital	14337	7 973	-44,39
Empréstimo intercompanhia	-839	- 225	-73,15
Investimento estrangeiro direto	74475	78 929	5,98
Participação no capital	56 421	54 021	-4,25
Empréstimo intercompanhia	18 053	24 908	37,97
Investimento em Carteira	-22047	19 646	-189,11
Investimentos Brasileiros	-3548	- 169	-95,23
Ações de comp. Estrang.	163	- 708	-533,68
Fundos de invest- ativos	-261	83	-131,59
Títulos de renda fixa	-3450	456	-113,22
Investimentos Estrangeiros	18499	-19 815	-207,11
Ações de comp. Bras.	6528	6 341	-2,87

Fundos de invest– passivos	3502	4 245	21,21
Títulos de renda fixa	8469	-30 401	-458,96
Derivativos	3450	- 969	-128,09
Outros Investimentos¹	23271	27 070	16,32
Outros Investimentos brasileiros	44 001	36 904	-16,13
Outros Investimentos estrangeiros	20 730	949	-52,56
Ativos de Reservas	1569	9 237	488,83
Erros e Omissões	3708	7 062	90,44

Fonte: Banco Central do Brasil – elaboração própria⁶

(1) Registra créditos comerciais, empréstimos, moeda e depósitos e outros ativos.

Os investimentos em carteira encerraram em US\$ 19,216 bilhões foi a conta de maior volatilidade neste ano onde as concessões líquidas (+) foi 186% maior que as captações líquidas (-), uma fuga de capitais explicada em maior parte pela queda da inflação durante o ano diminuindo a taxa de juros acarretando em uma fuga de capitais externos do país sendo os títulos de renda fixa (títulos da dívida) o investimento mais afetado, os brasileiros também deixaram de investir seu dinheiro em carteira externa cerca de 83%, que é conveniente com a situação econômica dos brasileiros, onde é preferível manter a liquidez.

As participações no capital tanto externo como brasileiro tiveram respectivamente uma queda de 44% e 5% em relação a 2015.

O volume de dinheiro negociado em derivativos no ano foi 40% menor em 2016, tendo os ativos superado os passivos em US\$ 969 bilhões.

Outros investimentos fechou o ano em US\$ 26,48 bilhões, uma variação negativa de 14% em 2016, graças a um maior número de empréstimos negociados durante o ano sendo que as saídas superaram os ingressos.

Ativos de reservas ficou em US\$ 9,237 bilhões, aumentando 489% a mais comparado a 2015.

E por fim erros e omissões tiveram uma variação de 80% maior que 2015 encerrando o ano em US\$ 6,85 bilhões, zerando assim o saldo do balanço de pagamentos em 2016.

Em 2015 o balanço de pagamentos do Brasil teve simultaneamente redução tanto do déficit em conta corrente quanto do superávit da conta capital e financeira, quando comparado com 2014. O saldo do balanço de pagamentos brasileiro em 2016 foi negativo em US\$ 6,85 bilhões, 79,14% superior ao déficit registrado no ano anterior (US\$ 3, 82 bilhões).

3.2 MERCOSUL

Comércio

As exportações brasileiras para países do Mercosul aumentaram 2,12% no ano de 2016, em comparação com 2015, atingindo US\$ 18,3 bilhões.

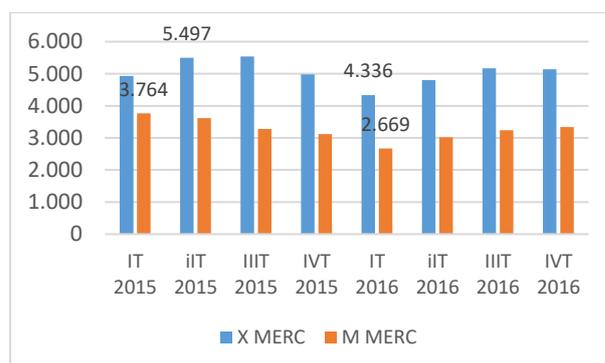


Gráfico 3.3 – Comércio brasileiro com o Mercosul em US\$ milhões

Fonte: Ipeadata (2016).

Em termos percentuais, as exportações totais foram de 10 % para a Argentina, o Paraguai, e o Uruguai absorvem 27% das exportações brasileiras para o Mercosul que correspondem a apenas 2,7% das exportações totais do país.

Argentina, continuou sendo o principal destino exportador do Brasil no Mercosul em 2016. As exportações do Brasil para a Argentina totalizaram US\$ 13,4 bilhões.

Com relação às importações brasileiras vindas dos países pertencentes ao Mercosul, a queda no ano de 2016 foi de 8,97% em comparação à 2015 e alcançaram US\$ 11,9 bilhões. A Argentina é o principal fornecedor intrablocos, o Brasil importou 9,1 bilhões de dólares em 2016. Esse valor representou uma queda de 11,7%, quando comparado ao ano de 2015.

A balança comercial com o Mercosul fechou com um saldo positivo de US\$ 6,5 bilhões, superávit 31,5% maior em relação a 2015. A corrente de comércio se reduziu 2,54% em 2016, efeito negativo do aprofundamento da crise econômica brasileira e da estagnação do comércio com o bloco.

Apesar da proximidade geográfica e das relações históricas, as exportações brasileiras para o bloco representaram em 2016 apenas 9,92% do total das exportações brasileiras. O mesmo ocorre com as importações vindas do Mercosul, que representam somente 8,6% do total importado pelo Brasil.

3.3 RESERVAS INTERNACIONAIS

Em dezembro de 2016, as reservas internacionais pelo conceito caixa fecharam o ano com um saldo de US\$ 365,01 bilhões, comparando

com o fechamento do ano anterior houve um aumento de 2,4% em relação ao período anterior.

Tabela 3.8 Fluxos das Reservas Internacionais do Brasil 2015/2016 (US\$ milhões)

Discriminação	2015	2016
Posição das reservas no período anterior	363 551	356 464
1. Intervenções do Banco Central	- 1775	5 070
2. Operações externas (Banco Central e Tesouro)	-5311,9	3482,54
Serviço da dívida (líquido)	2794,24	3216,63
Desembolsos	221,3	221,1
Amortizações	-	-
Juros	2573	2996
Remuneração das reservas	2573	2996
Outras variações	-8106,14	265,9
Variações por preço	-773	429,39
Variações por paridades	-7883	-1251
Demais ^{2/}	5505	1088
Varição total (1+2)	-7086,9	8562,54
Posição das reservas – conceito caixa	3564 54	365016,22
Saldo de linhas com recompra	12 275	7205
Saldo de empréstimos em moeda estrangeira	-	-
Posição das reservas – conceito liquidez ^{3/}	368378	372221,21

Fonte: BCB

No início do ano o preço do dólar saltou e chegou a ser cotada acima de R\$ 4,00 reais, quase o dobro do que era cotado um ano antes.

Analisando as reservas internacionais no conceito liquidez que difere do conceito caixa na inclusão do saldo das linhas de recompra e operações de empréstimos em moeda estrangeira, este fechou o ano de 2016 em US\$ 372,22 bilhões um aumento de 1% no comparativo anual.

O estoque de reservas internacionais no conceito de liquidez representou 21,0% do PIB, equivalendo a 32 meses de importações de bens e a 3,0 vezes o valor das amortizações da dívida externa com vencimento nos próximos doze meses.

Tabela 3.9 Indicadores de Solvência Externa

Indicadores	Indicadores	
	2015	2016
Reservas (liquidez) / dívida total (%)	110,2	114,1
Reservas / Dívida de C.P. %	320,4	335,1
Reservas (liquidez) / serviço da dívida (razão)	3,0	3,1
Reservas (liquidez) / juros (razão)	25,4	24,9

Fonte: BCB

O Banco Central (BC) registrou um ganho de R\$ 3,858 bilhões em dezembro com as operações de swap cambial e encerrou 2016 com

um resultado positivo de R\$ 75,562 bilhões. O resultado é recorde, mas ainda menor que a perda, também recorde, de R\$ 89,657 bilhões de 2015.

A queda do dólar no ano resulta em uma redução de valor quando as reservas são convertidas para reais. Em 2016 a perda foi de R\$ 324,123 bilhões, sendo R\$ 60,041 bilhões apenas em dezembro. Essa perda de R\$ 324 bilhões é o resulta do líquido das reservas, que decorre de uma rentabilidade negativa de R\$ 235,597 bilhões, acrescido do custo de carregamento de cerca de R\$ 88,5 bilhões ao ano, que representa o custo de captação multiplicado pelo montante de reservas.

Em 2015, com a alta do dólar, o ganho de variação cambial com as reservas tinha sido de R\$ 260 bilhões.

Ao se excluir o ganho com os swaps cambiais se chega a um resultado de operações cambiais do Banco Central negativo em R\$ 240 bilhões em 2016.

Analisando os indicadores que avaliam a capacidade de o país honrar seus compromissos externos, percebe-se que estes têm apresentado tendência mista em 2016. As reservas líquidas representavam 110,2% da dívida total no fechamento de 2015, aumentaram para 114,1% da dívida total. Na tabela 3.7 pode observar-se que todos os indicadores aumentando com relação ao ano anterior, com exceção da razão reserva liquidez/juros que teve uma queda de 25,4 para 23,9.

No ano, a conta de swaps foi positiva em R\$ 75,562 bilhões, após perda de R\$ 89,657 bilhões em 2015. No lado das reservas internacionais quando convertidas para reais em 2016, a perda contábil foi de R\$ 324,123 bilhões. Em 2015, com a alta do dólar, o ganho de variação cambial com as reservas tinha sido de R\$ 260 bilhões

Ao contrário dos swaps, as variações das reservas não têm impacto fiscal imediato. Quando o BC ganha com as reservas, repassa o dinheiro para a Conta Única do Tesouro e por determinação legal esses proventos só podem ser utilizados para o pagamento de dívida. Quando há perdas quem é ressarcido é o BC via emissão de títulos. Essa conta a acertar entre BC e Tesouro fechou o ano de 2016 na casa dos R\$ 250 bilhões e será liquidada ao longo de 2017.

3.4 TAXAS DE CÂMBIO

Euro

A tabela 3.10 apresenta as cotações do euro no Brasil e nos Estados Unidos de janeiro de 2015 até dezembro de 2016. Além disso, a tabela também mostra a cotação do Euro no mercado de

Nova York e a cotação do dólar em relação ao real no mercado nacional para o mesmo período.

No ano de 2016 a taxa de câmbio real/euro encerrou cotada em R\$ 3,4374, ocorrendo uma apreciação de 19,08% do real frente ao euro em relação ao fechamento do ano anterior, quando foi cotada em R\$ 4,2482.

No primeiro semestre de 2016 o real registrou uma apreciação de 19,18% frente ao euro, enfraquecendo nos meses seguintes quando inicia uma tendência de depreciação, insuficiente para compensar a trajetória de apreciação de 21,53% no ano quando o real passa a ser cotado em R\$ 3,43 contra os R\$ 4,38 do início do ano.

Em relação à paridade dólar/euro no mercado brasileiro houve movimentos opostos durante o ano de 2016, ocorrendo uma leve depreciação do dólar de 1,8% de janeiro a junho, apreciando 5,53% no segundo semestre fechando o ano em US\$ 1,0549.

Tabela 3.10 Cotações Dólar e Euro no Brasil e nos EUA - Jan/2015/Dez/2016

		DÓLAR	EURO	Paridade (Dólar/ Euro)	NY
2015	Janeiro	2,6617	3,0088	1,1304	1,1615
	Fevereiro	2,8777	3,2268	1,1213	1,135
	Março	3,2074	3,4447	1,074	1,0819
	Abril	2,993	3,3405	1,1171	1,0822
	Mai	3,1781	3,493	1,0991	1,1167
	Junho	3,1019	3,4592	1,1152	1,1226
	Julho	3,3934	3,7419	1,1027	1,0997
	Agosto	3,6461	4,0804	1,1191	1,1136
	Setembro	3,9722	4,433	1,116	1,1229
	Outubro	3,8582	4,2641	1,1052	1,1228
	Novembro	3,8499	4,0713	1,0575	1,0727
	Dezembro	3,9042	4,2482	1,0881	1,0889
2016	Janeiro	4,0422	4,3805	1,0837	1,0855
	Fevereiro	3,979	4,3224	1,0863	1,1092
	Março	3,5583	4,0529	1,139	1,1134
	Abril	3,4502	3,9484	1,1442	1,1346
	Mai	3,5945	4,0039	1,1137	1,1312
	Junho	3,2092	3,5401	1,1031	1,1232
	Julho	3,2384	3,6163	1,1167	1,1055
	Agosto	3,2397	3,6103	1,1144	1,1207
	Setembro	3,2456	3,6474	1,1238	1,1218
	Outubro	3,1805	3,4798	1,0941	1,1014
	Novembro	3,3961	3,5988	1,0597	1,0792
	Dezembro	3,2585	3,4374	1,0549	1,0545

Fonte: Banco Central do Brasil e Federal Reserve

Em 2016, a taxa de câmbio do euro

permaneceu globalmente estável em termos efetivos nominais. Face ao dólar dos Estados Unidos, o euro também se manteve estável durante a maior parte de 2016, visto que as taxas de rentabilidade em ambos os lados do Atlântico permaneceram amplamente inalteradas, mas reduziu-se na parte final do ano.

No mercado de Nova York o euro foi cotado no fechamento de 2016 em US\$ 1,0545, uma apreciação da moeda americana de 2,85% em relação ao mesmo período de 2015. No primeiro semestre o dólar tinha se depreciado em 3,47%.

No meio do ano de 2016 começou-se a especular sobre uma possível política de aumento de juros por parte do Banco Central americano (FED), que terminou acontecendo em dezembro quando os juros básicos nos Estados Unidos aumentaram no intervalo entre 0,5% e 0,75% ao ano. É a segunda vez que a taxa sobe desde a crise financeira internacional de 2008. O aumento de juros no país é um sinal de que o banco central americano confia na solidez da recuperação econômica do país.

A alta dos juros eleva a remuneração dos ativos norte americano, e com isso, investidores que migraram para ativos de emergentes, como o Brasil, que possuem maior rentabilidade, mas maiores riscos, tendem a retornar aos Estados Unidos, o que junto à inesperada eleição de Donald Trump, permite entender os movimentos da moeda brasileira.

Durante o último trimestre de 2016 o euro se depreciou frente ao dólar americano graças às expectativas de uma política monetária americana mais restritiva que culminaria na elevação da taxa básica de juros, que acontece no fim do último trimestre do ano, quando a taxa de juros e seus rendimentos ficaram mais atrativos no mercado americano levando à migração de divisas da zona do euro e se concentrando no mercado americano.

O comportamento do euro pode ser explicado também pela política monetária expansionista da zona do euro. Em março de 2016, o Conselho do BCE introduziu um conjunto de novas medidas destinadas a ampliar o estímulo monetário, através de uma nova redução das taxas de juro diretoras, de um aumento do programa de compra de ativos de €60 para €80 bilhões por mês, da aquisição pela primeira vez de obrigações de empresas e do lançamento de novas operações de refinanciamento de prazo aumentando a procura e, deste modo, promovendo o investimento, o que contribuiu para o crescimento do PIB na zona do euro de 1,7% em 2016.

Em dezembro de 2016, o programa de

compra de ativos foi prorrogado por mais nove meses, a fim de assegurar um apoio mais longo às condições financeiras

Dólar

Depois de atingir R\$ 4,16 em janeiro, a moeda recuou nos meses seguintes, terminando junho em R\$ 3,21, oscilando em torno de R\$ 3,30, depois das intervenções do Banco Central (BC) para reduzir o estoque de swaps cambiais, equivalentes a compra de dólares no mercado futuro.

No final de 2016, a taxa de câmbio nominal real/dólar encerrou cotada em R\$ 3,258, ocorrendo uma apreciação do real frente ao dólar em relação ao mesmo período do ano anterior de 16,53%, quando foi cotada em R\$ 3,942, conforme a tabela 3.6.

Tabela 3.11 - Evolução da taxa de câmbio nominal e real de Janeiro/2015 a Dezembro/2016

	Taxa de Câmbio Nominal	Variação Mensal %	Taxa de Câmbio Efetiva Real	Var. Mensal %	
2015	Janeiro	2,66	0,23	90,92	-3,68
	Fevereiro	2,87	8,12	96,21	5,82
	Março	3,20	11,46	104,11	8,21
	Abril	2,99	-6,68	100,88	-3,10
	Maio	3,17	6,18	101,09	0,21
	Junho	3,10	-2,40	102,02	0,92
	Julho	3,39	9,40	105,27	3,19
	Agosto	3,64	7,45	114,24	8,52
	Setembro	3,97	8,94	125,63	9,97
	Outubro	3,85	-2,87	123,84	-1,42
	Novembro	3,84	-0,22	118,37	-4,42
	Dezembro	3,90	1,41	118,63	0,22
2016	Janeiro	4,0422	3,53	118,6	-0,03
	Fevereiro	3,979	-1,56	116,41	-1,85
	Março	3,5583	-10,57	109,14	-6,25
	Abril	3,4502	-3,04	106,51	-2,41
	Maio	3,5945	4,18	104,98	-1,44
	Junho	3,2092	-10,72	101,19	-3,61
	Julho	3,2384	0,91	95,98	-5,15
	Agosto	3,2397	0,04	94,75	-1,28
	Setembro	3,2456	0,18	95,63	0,93
	Outubro	3,1805	-2,01	92,67	-3,10
	Novembro	3,3961	6,78	95,57	3,13
	Dezembro	3,2585	-4,05	94,55	-1,07

Fonte: BCB (INPC), Média ano, 1994 = 100.

A taxa de câmbio efetiva real calculada pelo Banco Central, que adota como índice base 100 o ano de 1994, encerra o ano em 94,55. Em relação ao calculado no fim de 2015, quando estava em 118,63, houve uma apreciação de 20,3%,

mostrando, baseado apenas nesta taxa, uma de competitividade em 2016 das exportações brasileiras em relação ao mesmo período do ano anterior.

Ao longo do ano a taxa de câmbio oscilou para baixo, o movimento de apreciação teve início em fevereiro, atingindo picos de queda em torno de 10% em março e junho. No segundo semestre há uma mudança de tendência e movimentos de depreciação se alternam com apreciações pontuais.

Em novembro, a moeda americana sobe 6,78%, devido ao resultado inesperado da eleição presidencial americana que aumentou a incerteza dos investidores internacionais, resultando, em fuga de ativos de países emergentes por causa das expectativas de estímulos fiscais nos EUA, na forma de cortes de impostos e investimentos em infraestrutura, pressionando altas nos preços de ações e commodities, nos juros nominais e reais e nas taxas de inflação implícitas. Em dezembro, o Federal Reserve subiu a Fed Funds rate, pela primeira vez no ano – e a segunda desde a crise de 2008 –, para o intervalo entre 0,5% e 0,75%, movimento amplamente esperado pelo mercado com pouco impacto imediato.

Tabela 3.12 - Mercado primário de câmbio: Setembro 2014/Dezembro 2016 (US\$ bilhões)

	Movimento de Câmbio			Posição de Câmbio	Var posição	Saldo BC
	Comercial	Financieiro	Saldo			
set/15	1,17	-1,28	-0,11	-17,83	-0,24	-6,83
out/15	-0,24	-3,26	-3,50	-21,48	-3,64	-0,50
nov/15	1,19	2,70	3,90	-18,30	3,18	-2,23
dez/15	7,12	-9,27	-2,15	-20,14	-1,84	-0,32
jan/16	3,35	-1,88	1,47	-18,78	-0,07	0,01
fev/16	1,94	-11,23	-9,29	-27,91	0,49	-0,07
mar/16	1,74	-4,28	-2,54	-30,46	0,09	-5,17
abr/16	6,02	0,5	6,51	-23,99	-0,21	3,02
mai/16	8,43	-11,43	-3	-27,04	0,13	3,32
jun/16	3,93	-7,49	-3,56	-30,77	0,14	-1,41
jul/16	4,09	-2,79	1,3	-29,45	-0,04	4,38
ago/16	2,68	-3,79	-1,11	-30,58	0,04	0,81
set/16	0,79	-6,33	-5,54	-35,94	0,18	0
out/16	2,66	6,13	8,78	-27,237	-0,24	-0,53
nov/16	3,77	0,04	3,81	-23,491	-0,14	0,70
dez/16	7,92	-9,01	-1,09	-24,541	0,04	0,00

Fonte: Banco Central do Brasil.

¹ posição comprada (+), posição vendida (-)

² variação positiva indica aumento da posição comprada

A valorização recente do real se deve a uma combinação de fatores externos e internos. Externamente, aumentou a liquidez nos mercados internacionais, que contribuiu para apreciar as moedas de países emergentes. Para reagir ao impacto da saída do Reino Unido da Europeia (UE), os bancos centrais das economias desenvolvidas deverão intensificar a política monetária ultra expansionista. Além disso, os preços de

commodities tiveram alta considerável nos últimos meses.

No cenário interno, a mudança de governo e a perspectiva de mudança no quadro fiscal com a nova equipe econômica também melhoraram a percepção de risco sobre o país, ajudando a fortalecer a moeda. Colaborou ainda o rápido e intenso ajuste da conta corrente.

As intervenções do Banco Central, mantiveram certa estabilidade na cotação da moeda norte-americana ao longo do ano de 2016, evitando quedas maiores. Devido ao movimento apreciativo da moeda nacional ao longo do ano de 2016, o resultado das intervenções do Banco Central do Brasil atingiu um saldo de compra e venda majoritariamente negativo em 2016.

A posição dos bancos, que reflete as operações no mercado primário de câmbio e as operações com o Banco Central, passou de vendida em US\$ 20,14 bilhões em dezembro de 2015, para US\$ 24,54 bilhões, em dezembro de 2016.

O risco-país (EMBI+) fechou o ano de 2016 nos 328 pontos. Houve melhora na classificação do risco de investimento no Brasil na comparação com 2015, quando estava em 523 pontos, mostrando uma redução no clima de desconfiança externa no país.

3.5 PRINCIPAIS PARCEIROS

CHINA

No atual cenário econômico mundial, a China caracteriza-se como uma economia em crescimento exponencial, apontando-se como uma grande nação fornecedora e compradora de produtos para o Brasil e o mundo.

No ano de 2016, assim como era esperado pelo Banco Mundial, a China apresentou um aumento no PIB de 6,7%, impulsionado principalmente pelo aumento dos gastos do governo com ampliação da infraestrutura, bem como a expansão de crédito, a maior da história do país, no primeiro trimestre, além do grande crescimento do setor imobiliário no quarto trimestre.

Por outro lado, houve fuga de capital, logo após a vitória de Donald Trump na eleição presidencial dos EUA. Também, o resultado do crescimento desenfreado do setor imobiliário, levou o governo chinês a adotar uma política monetária mais restritiva, com intuito de suprimir as bolhas de preços de ativos. Foi adotado um quadro de políticas macroprudenciais, para guiar o comportamento das instituições financeiras e regulamentar o mercado imobiliário. Por outro lado, o financiamento transfronteiriço de cobertura total foi expandido para todas as partes do país, gerando uma maior distribuição e fortalecimento do crédito.

Esse foi o menor crescimento dos últimos 26 anos para o país, entretanto, foi o terceiro maior aumento do PIB no mundo para o ano. A redução do crescimento chinês se explica principalmente pela dependência externa que o país possui, sendo que a queda na demanda mundial por produtos chineses induziu a esse resultado. Isso acabou levando o governo chinês a pensar em reformas estruturais em seu modelo econômico, com foco na redução da dívida externa, que fechou o ano em 3,8% do PIB, e também uma economia mais dependente do setor interno.

No ano, as exportações da China caíram em 7,7%, enquanto as importações recuaram 5,5%, em relação à 2015, registrando os piores resultados desde a crise de 2008.

Apesar das incertezas econômicas que rondaram a economia chinesa, as autoridades agiram de forma proativa para manter a solidez da política monetária, historicamente baseada no fortalecimento do Yuan, a moeda chinesa, frente ao dólar. Em 2016 o governo adotou medidas a fim de manter a liquidez da moeda, tais como a redução das reservas de depósito, operações de mercado aberto, facilidade no financiamento permanente e de médio prazo.

Por conseguinte, a flexibilidade da taxa de juros foi mantida dentro de um certo intervalo, para alinhar a taxa de juros com o crescimento do mercado financeiro à fim de manter o controle dos preços.

No final de 2016, as reservas cambiais da China atingiram o valor de US\$ 3.010 bilhões, uma redução de US\$ 319,8 bilhões em relação ao período anterior. A taxa de câmbio média do ano foi de 6,66423 Yuan para cada Dólar americano, registrando uma depreciação da moeda em 6,2% no período. Essa depreciação se deu principalmente pela fuga de capital privado, motivado pelo anúncio de possíveis políticas restritivas à China, por parte dos EUA, com a ascensão do governo de Donald Trump ao poder.

A China terminou o ano com a inflação na casa dos 1,988% um aumento de aproximadamente 23% em relação ao ano anterior, entretanto, bem abaixo da meta oficial estabelecida em 3% ao ano. Esse aumento se deve à alta global dos preços das commodities, além do aumento no preço dos alimentos, impulsionados pela queda na produção interna, e dos imóveis chineses no quarto trimestre.

Esse aumento nos preços dos ativos imobiliários se deu principalmente pelo fomento ao crédito por parte do estado, o que alavancou o setor, fazendo com que houvesse uma expansão na casa dos 11% no período. Essa reação do setor imobiliário acabou impulsionando a produção de alguns setores da indústria, como a indústria de aço e a indústria de carvão, fazendo com que estas apresentassem alguma melhora, depois de um período de resultados negativos apresentados ao longo do ano anterior e parte do período atual.

A China é considerada a maior produtora de alimentos do mundo. A agricultura emprega

cerca de um terço da população ativa e contribuiu com cerca de 9% do valor total do PIB. O país é o líder mundial na produção de arroz, algodão, batata e chá, bem como tem participação importante na produção mundial de ovinos e suínos, além de ofertar grande quantidade de produtos da pesca. Entretanto, em 2016 a área de grãos plantada, apresentou redução de 310 mil hectares em comparação com a de 2015. Enquanto isso, a produção total de grãos caiu cerca de 5,20 milhões de toneladas.

Apesar de apresentar uma leve recuperação em alguns setores da indústria, bem como no setor imobiliário, que representam basicamente a metade do PIB chinês, 2016 realmente não foi um dos melhores anos para a economia chinesa.

Tabela 3.13 – Índice de Inflação

ANO	Inflação (anual)
2005	1,82%
2006	1,46%
2007	4,75%
2008	5,86%
2009	-0,70%
2010	3,31%
2011	5,41%
2012	2,62%
2013	2,62%
2014	1,99%
2015	1,44%
2016	2,00%

Fonte: World Bank, 2017.

No geral, a indústria pesada do país não apresentou melhoras, o que levou a uma recessão na região nordeste do país, região esta que é muito dependente deste setor. O aumento do crédito acabou gerando bolhas imobiliárias que precisaram ser controladas pelo governo. Houve grande interferência das empresas estatais, o que acabou alimentando a especulação.

A dívida das empresas estatais atingiu cerca de 145% do PIB, enquanto o resultado das empresas privadas neste quesito foi ainda pior, atingindo um endividamento de cerca de 210% do PIB. As reservas cambiais do país apresentaram diminuição, o que obrigou as autoridades monetárias a adotarem políticas de controle dos investimentos, além de deteriorar a qualidade dos ativos bancários.

Por outro ângulo, mesmo com situações tão adversas, a China conseguiu apresentar um crescimento considerável para o ano, indo na contramão de várias economias mundiais, que apresentaram queda do PIB, inclusive o Brasil.

Relação Bilateral: Brasil x China

A China possui fortes acordos bilaterais com o Brasil. Em Junho de 2012, os dois países assinaram o Plano Decenal de Cooperação entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular da China, um plano com duração entre 2012 à 2021, cujos objetivos são assinalar as áreas prioritárias e os projetos-chaves em ciência e tecnologia e inovação; cooperação econômica; e intercâmbio entre os povos de ambos os lados.

Em 2016, a China exportou US\$ 23,36 bilhões para o Brasil, o que representa uma queda de 23,94% comparado a 2015. Por outro lado, importou US\$ 35,13 bilhões do Brasil, apresentando queda de 1,33% em relação ao ano anterior. O saldo da balança comercial foi deficitário para a China em US\$ 11,8 bilhões um déficit 140,78% maior do que em 2015.

Os principais produtos importados do Brasil para a China resumem-se em commodities, com destaque para a soja, minério de ferro e óleos brutos do petróleo. Por outro lado, os principais produtos exportados da China para o Brasil foram os eletroeletrônicos, com destaque para aparelhos e componentes de telefonia e telegrafia e aparelhos receptores de rádio e televisão.

A balança comercial foi deficitária para a China em US\$ 11,77 bilhões no ano em questão. A queda considerável nas exportações para o Brasil, refletem bem a queda mundial da demanda por produtos da China, o que levou à contenção da expansão do PIB chinês.

Em relação ao Brasil, os alimentos têm grande destaque na balança comercial entre os países. No ano, a China importou US\$ 18,26 bilhões em produtos do ramo alimentício do Brasil. Esse valor representa cerca de 52% do valor total transacionado do Brasil para a China.

Em relação aos investimentos entre os países, em 2016 a China enviou ao Brasil US\$ 879 milhões em investimentos diretos (IDE), sendo que o setor de serviços foi o mais beneficiado, absorvendo 96,24% do total. Esse valor de IDE é significativamente maior que em 2015, houve um aumento de 378,88%.

A pesar da economia chinesa ser o foco de atração dos investimentos diretos do exterior, o Brasil investiu na China, a irrisória quantia de US\$ 20 milhões em IDE no ano de 2016, uma queda de 51,22% em relação ao ano anterior.

O grande aumento de crédito na China em 2016, não foi observado apenas no mercado doméstico, a superabundância das linhas de crédito chinesas beneficiou também o setor externo, onde a América Latina e principalmente o Brasil tiveram acesso à grandes montantes de crédito. A China cedeu para a América Latina, US\$

21,2 bilhões no ano, sendo que US\$ 15 bilhões foram para o Brasil, o que representa cerca de 72% do total. Para se ter ideia da representatividade do empréstimo chinês para a América Latina, o montante de crédito vindo da China foi maior que o crédito concedido ao bloco pelo Banco Mundial e pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento juntos.

Além da América Latina e do Brasil, vários outros países pelo mundo, principalmente os menos desenvolvidos, também se beneficiaram do crédito chinês. Por outro lado, a forte injeção de crédito no mercado mundial por parte da China, elevou os riscos para os mercados de créditos de alguns países, principalmente dos EUA, apontou uma pesquisa realizada pela agência Fitch com investidores de renda fixa.

Estados Unidos

A economia dos Estados Unidos cresceu 1,6% em 2016 na comparação com 2015. O resultado é o pior desempenho anual da economia dos EUA desde 2011, quando também registrou crescimento de 1,6%. Isso significa que os EUA estão há 11 anos consecutivos apresentando resultados anuais do PIB inferiores a 3%.

Considerando apenas o quarto trimestre do ano passado, o PIB dos EUA avançou a uma taxa anual de 1,9%, abaixo dos 3,5% registrados no trimestre anterior. Os resultados apresentados pela economia estadunidense frustraram analistas, que esperavam uma alta de 2,1% nesse trimestre. Esses números não foram piores para o período devido à forte expansão de mais de 10% nos investimentos ocorrida nos três últimos meses do ano.

Primeira estimativa para PIB americano referente ao 4º trimestre de 2016 ficou abaixo do esperado (2,2%), crescendo 1,9% na margem, mas com um bom desempenho dos investimentos (+10,7%). A desaceleração na margem frente ao 3º trimestre (+3,5%) é explicada pelo recuo das exportações, -4,3% frente a uma alta de 10% no trimestre anterior, ao passo que as importações aceleraram de 2,2% para 8,3%. Assim a contribuição do setor externo ficou negativa em 1,7%, frente a uma contribuição positiva de 0,85% no 3º trimestre. O consumo desacelerou de 3% para 2,5% no período e os investimentos foram o destaque, passando de 3% para 10,7% na mesma base de comparação

O presidente norte-americano, Donald Trump, prometeu que a economia do país voltará a crescer de maneira sustentada entre 3% e 4% anuais durante seu mandato, que começou em 20

de janeiro de 2017. Com o pacote de estímulo proposto por Trump, a economia pode receber um impulso, com corte de impostos, investimentos em infraestrutura e menos regulamentação.

Tabela 3.14 - PIB e suas componentes (%)

Variáveis	2015	2016	2016			
			I	II	III	IV
PIB	2.6	1.6	0.8	1.4	3.5	1.9
Consumo	3.2	2.7	1.6	4.3	3.0	2.5
Investimento	5.0	-1.5	-3.3	-7.9	3.0	10.7
Exportações	0.1	0.4	-0.7	1.8	10.0	-4.3
Importações	4.6	1.1	-0.6	0.2	2.2	8.3
Gastos do governo	1.8	0.9	1.6	-1.7	0.8	1.2

Fonte: Bureau of Economic Analysis (BEA).

De acordo com o Departamento de Trabalho dos Estados Unidos, a taxa de desemprego do país fechou 2016 em 4,7%. Foram geradas, pelo sexto ano consecutivo, mais de 2 milhões de novas vagas. Em 2016, a economia estadunidense gerou 2,16 milhões de empregos, contra 2,7 milhões em 2015. Apesar dessa queda, o ano de 2016 registrou a menor taxa de desemprego desde 2008, quando eclodiu a crise do subprime.

O pagamento médio por hora no país cresceu 2,9% em 2016, maior aumento desde 2009, chegando a US\$ 26. Este foi o último relatório de desemprego sob o governo do presidente Barack Obama, antes da posse do presidente eleito Donald Trump.

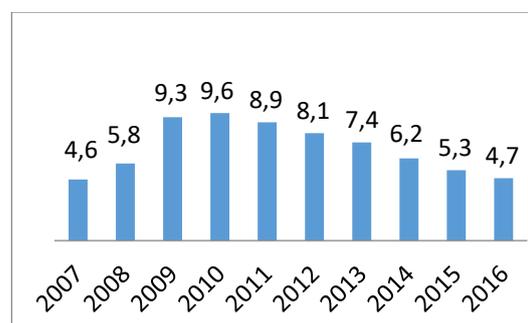


Gráfico 3.4: Taxa de desemprego (%).

Fonte: Bureau of Labor Statistics (BLS).

O banco central dos Estados Unidos, Federal Reserve, subiu sua taxa básica de juros em dezembro. Essa foi a segunda alta em dez anos — a outra ocorreu em dezembro de 2015. A taxa pulou da banda de 0,25% a 0,5% para 0,5% a 0,75%. Para dezembro, o valor ficou em 0,54%. Na verdade, o Fomc, Comitê Federal de Mercado Aberto, já sinalizava há meses que a economia estadunidense estaria preparada para suportar a

subida dos juros, dada a inflação abaixo dos 2% e o menor índice de desemprego em nove anos.

Os Estados Unidos fecharam 2016 com um déficit na balança comercial de US\$ 502,3 bilhões, o maior dos últimos quatro anos. Em dezembro, o déficit caiu 3,2% e ficou em US\$ 44,3 bilhões, inferior aos US\$ 45,7 bilhões de novembro.

Por países, o saldo negativo no comércio com a China caiu 5,5% em 2016, ficando em US\$ 347 bilhões, abaixo do recorde de US\$ 367 bilhões de 2015. Já com o México, as importações superaram as exportações em US\$ 63,2 bilhões, uma alta de 4,2% e o valor mais alto desde 2011, de acordo com o Departamento de Comércio. O presidente dos EUA, Donald Trump, prometeu penalizar países como China e México, que acusa de práticas comerciais injustas, responsáveis pela perda de milhões de empregos estadunidenses.

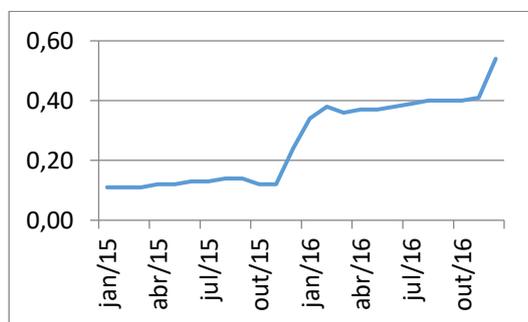


Gráfico 3.5: Taxa de juros mensal (%).
Fonte: Federal Reserve of Saint Louis.

RELAÇÕES ECONÔMICAS BRASIL-ESTADOS UNIDOS:

Em 2016, o Brasil exportou para os Estados Unidos US\$ 23,1 bilhões e registrou US\$ 23,8 bilhões em importação, gerando um saldo negativo de US\$ 646 milhões. No ano anterior, o déficit comercial foi ainda maior, de US\$ 2,4 bilhões.

Dentre os principais produtos brasileiros exportados aos Estados Unidos, estiveram: café, chá, mate e especiarias (US\$ 1,01 bilhão), combustíveis, óleos e ceras minerais (US\$ 1,41 bilhão), ferro, ferro fundido e aço (US\$ 2,11 bilhão), caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos (US\$ 3,69 bilhões) e aeronaves e outros aparelhos aéreos (US\$ 3,16 bilhões).

No caso das importações, os principais produtos comprados pelo Brasil foram: combustíveis, óleos e ceras minerais (US\$ 4,33

bilhões), produtos químicos orgânicos, farmacêuticos e produtos diversos das indústrias químicas (US\$ 3,60 bilhões), plásticos e suas obras (US\$ 1,54 bilhão), máquinas e aparelhos, material elétrico e suas partes (US\$ 6,54 bilhões), instrumentos e aparelhos de óptica e fotografia (US\$ 1,48 bilhão).

O Brasil foi em 2016 o 12º país no ranking de exportações estadunidenses e 17º em importações. Por outro lado, os Estados Unidos ficam em segundo lugar em importações e exportações brasileiras, atrás somente da China.

REFERÊNCIAS

<https://jota.info/tributario/aumento-das-importacoes-al-tera-mercado-de-combustivel-07072017>

<http://www.mdic.gov.br/index.php/balanca-comercial>

http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/wir2017_en.pdf

BACEN:

<http://www.bcb.gov.br/htms/Infecon/SerieHistFluxoInvDir.asp>

MDIC: <http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior>

PORTAL

G1: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/11/brasil-e-china-podem-contagiar-mercado-de-credito-dos-eua-diz-fitch.html>

SANTANDER:

<https://pt.portal.santandertrade.com/internacionaliz-e-se/china/fluxos-de-ied-2>

The People's Bank of China: <http://www.pbc.gov.cn/english/130727/index.html>

UNCTAD: <http://unctad.org/en/Pages/Home.aspx>

Valor

Econômico: <http://www.valor.com.br/internacional/4842658/economia-da-china-cresce-68-no-4-trimestre-e-67-em-2016>

World

Bank: https://data.worldbank.org/indicador/BX.KLT.DINV.CD.WD?name_desc=false&view=chart

<http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/series-historicas>

<http://www.valor.com.br/brasil/4856050/brasil-atraiu-mais-investimento-externo-direto-que-india-em-2016-diz-unctad>

<https://www.bcb.gov.br/htms/notecon1-p.asp>

<http://www.cepea.esalq.usp.br/br/diarias-de-mercado/acucar-cepea-preco-recorde-e-exportacao-aquecida-marcam-2016.aspx>

<https://www.scotconsultoria.com.br/noticias/todas-noticias/44891/balan%C3%A7o-das-exporta%C3%A7%C3%B5es-brasileiras-de-milho-em-2016-e-expectativas.htm>

PRICESTATS. **Taxa de inflação argentina mensal.** Disponível em: < <http://www.pricestats.com/inflation-series?chart=1837> <http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14&Top=1&Lg=3>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

SISTEMA INTERATIVO GRÁFICO DE DADOS DE COMÉRCIO INTERNACIONAL (SIGCI/CEPAL). **Exportações e importações, agregadas e desagregadas por país e bloco.** Disponível em: < <http://www.cepal.org/comercio/ecdata2/http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14&Top=1&Lg=3>>. Acesso em: 15 jul. 2016

TRADING ECONOMICS. **Indicadores econômicos.** Disponível em: < <http://pt.tradingeconomics.com/argen->

[tina/indicadores](http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14&Top=1&Lg=3)<http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=14&Top=1&Lg=3>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

VALOR. **Real-tem-segunda-maior-perda-no-mundo-ante-o-dolar-em-2015.** Disponível em <http://www.valor.com.br/financas/4374692/real-tem-segunda-maior-perda-no-mundo-ante-o-dolar-em-2015>

<https://www.comexdobrasil.com/deficit-no-comercio-com-os-eua-passa-de-us-113-bilhoes-em-2013-para-us-646-milhoes-em-2016/>

<https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2017/02/07/eua-fecham-2016-com-maior-deficit-comercial-em-quatro-anos.htm>

<https://www.stlouisfed.org>

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/12/1841408-banco-central-americano-sobe-taxa-de-juros-pela-2-vez-em-dez-anos.shtml>

<https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2017/01/06/taxa-de-desemprego-nos-eua-fecha-2016-em-47.htm>

<https://www.bls.gov/>

<https://www.bea.gov/>